

DUHOT, Jean-Joël. *Sócrates ou o despertar da consciência*. Trad. P. Meneses. Coleção Leituras Filosóficas. São Paulo: Edições Loyola, 2004, 206 p.

Ao introduzir Sócrates na sua história da filosofia, o grande helenista William K. C. Guthrie chama a atenção para um dos paradoxos suscitados por essa figura singular. De Sócrates foram afirmadas duas coisas que, se fossem ambas verdadeiras,

HYPNOS

ANO 10 / Nº 14 – 1º SEM. 2005 – SÃO PAULO / p. 133-142

interditariam qualquer observação significativa a seu respeito. Por um lado, foi dito que o seu ensinamento estava indissolavelmente ligado ao conjunto da sua personalidade; por outro, que não podemos saber nada sobre a sua pessoa histórica, tamanha é a distorção das informações de que dispomos sobre ele.

O livro de Jean-Joël Duhot, que não é apenas mais um livro sobre Sócrates, vem demonstrar, em linguagem simples e convincente, que a primeira das afirmações sobre Sócrates é profundamente verdadeira, e que, sobre sua pessoa histórica podemos saber mais do que a aparente contradição das fontes permite supor. Ao final das três partes em que se estrutura o livro – Sócrates e seu tempo, O mestre paradoxal, A revolução socráticas – desenha-se aos nossos olhos um homem dos começos absolutos. “Não certamente que tenha tudo inventado, mas antes dele as coisas não tinham o mesmo sentido” (p. 9).

Na primeira parte encontramos as informações históricas suficientes para compreender o século de Sócrates, o convulsionado século V a.C. ateniense, marcado pela extraordinária figura de Péricles, que, com sua democracia radical, colocou Atenas na via de se torna um império marítimo, indo da Ásia Menor até a Sicília, mas que fracassou por culpa de homens de menor envergadura que o sucederam, por força das intrigas de poder que opôs irremediavelmente democratas e aristocratas, e, finalmente, pelo desgaste da guerra contra Esparta. É nesse contexto que se pode compreender o homem Sócrates no seu século, assim como o seu processo, que, segundo o autor, “é o processo dos sofistas” (p. 72). De fato, no conturbado século V ateniense, não foi

de modo nenhum desprezível o papel desses professores que podiam oferecer às elites cultivadas os meios mais eficazes para arrebatam uma decisão por ocasião do voto popular.

Na segunda parte do livro defrontamo-nos, em primeiro lugar, com o “mestre paradoxal” que foi Sócrates. A hipótese de um socratismo xamânico é examinada cuidadosamente, evidenciando que, em última análise, “a relação de Sócrates com o sobrenatural é o motor mesmo de seu pensamento” (p. 83). Essa mesma relação é determinante para entender a compreensão socrática da ascensão da alma como experiência espiritual e a sua concepção do amor como via privilegiada de acesso ao divino. É ainda essa relação com o sobrenatural que permite estabelecer a diferença entre Sócrates e os sofistas, pois a sua concepção da verdade faz do ensinamento socrático uma *iniciação* e não uma *demonstração*. Para Sócrates, em última análise, “conhecer é, pois, tomar consciência, no espelho da alma, do divino que está em si” (p. 129). Portanto, diferentemente dos sofistas, Sócrates é um místico, que, contudo, “nada cede no plano da razão” (p. 136). É isso que explica a sua busca incessante de confirmar/refutar o oráculo de Delfos. Com efeito, ao confirmar o oráculo, refuta-o, afirmando que nada sabe, e, ao refutá-lo, confirma-o, porque é mais sábio que os homens de seu tempo.

Nos três densos capítulos da terceira parte o autor nos descortina a revolução socrática. Esta, essencialmente, consistiria na criação do espaço metafísico ou, o que é o mesmo, na invenção da teologia. Sócrates se opõe à mitologia e a invalida como meio de acesso ao divino. O retra-

to de Sócrates desenhado por Platão no *Fedro* (229 c – 230 a) como alguém que não tem tempo para se dedicar à tradução racionalista do mito, uma das operações preferidas pelos sofistas, seria, portanto, profundamente verdadeiro. Sócrates esvazia a mitologia da sua substância, dado que para ele a verdadeira busca do divino está no conhecimento de si, da alma, e não na interpretação da mitologia. O choque e a decepção que se seguiu ao encontro com o *nous* de Anaxágoras, que significou para Sócrates a descoberta do finalismo na natureza, é o ponto de partida desse núcleo essencial da revolução socrática: “é pois a revelação do monoteísmo que está na origem da busca socrática” (p. 157). Sócrates, portanto, é o fundador da metafísica, da teologia monoteísta, mesmo que seu monoteísmo filosófico rigoroso tenha convivido com um politeísmo prático. Quanto à moral, segundo aspecto da revolução socrática, a de Sócrates é uma moral da felicidade e não do dever, o que é paradoxal para uma moral tão exigente como a sua. Na verdade, a de Sócrates é uma moral da liberdade com todos os seus rigores (p. 182). Por encontrar o fundamento da moral no divino e não no olhar do outro, na transcendência e não na pressão do grupo, “é o espaço da consciência que Sócrates descobre” (p. 193).

O livro se encerra com uma reflexão sobre as heranças e presenças socráticas que aborda apenas a posteridade da sua revolução teológica. Fica evidente que, se Sócrates não é cristão, “está presente no

interior do cristianismo” (p. 203), principalmente depois que Justino pretendeu apresentar o cristianismo como a verdadeira filosofia e, para isso, teve de assumir a armadura conceitual centrada na teologia, “a mesma que vimos nascer na revolução socrática” (id.).

O livro vale, e muito, pelo que provoca em seus leitores: um desejo profundamente socrático de conhecer mais e melhor essa extraordinária figura que está na origem da maior revolução até hoje operada na filosofia. Algumas teses do autor podem – e devem – ser discutidas. Por exemplo, as afirmações de que “Sócrates não tem saber a transmitir porque considera que o saber permanece estranho à linguagem” (p. 117); ou, ainda, que “não se pode ensinar porque o instrumento do ensino, a linguagem, é inapto para veicular o ser” (p. 123). Mas a discussão dessas teses já nos levaria para as fronteiras do platonismo, exatamente aquela revolução que veio coroar a revolução iniciada por Sócrates. Mas isso não é matéria para uma resenha.

A leitura do livro de Duhot certamente inclinará ao leitor esclarecido a concordar com a afirmação de Francesco Sarri, autor de uma importante obra sobre Sócrates e o nascimento do conceito ocidental de alma: “Se Sócrates não existisse, seria preciso, de algum modo, inventá-lo”.

Marcelo Perine
PUC/SP – CNPq
(m.perine@superig.com.br)